

A EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO E O GRUPO DA UNISINOS¹

Francisco José Paoliello Pimenta²

***Resumo:** Este estudo dá prosseguimento a pesquisa sobre as investigações em curso no País sobre a Epistemologia da Comunicação, por meio de projeto que envolve a parceria de três programas de pós-graduação, com financiamento da Capes. Nesse caso, analisa a produção de pesquisadores do PPG da Unisinos com base em hipóteses lançadas em subprojeto sob a responsabilidade do autor. Na conclusão, propõe três esferas de diálogo com vistas ao aprofundamento da compreensão do grupo sobre a atual produção na esfera da Epistemologia da Comunicação.*

***Palavras-Chave:** 1. Epistemologia; 2. Comunicação; 3. Representação.*

1. Introdução

Este trabalho dá prosseguimento aos propósitos do projeto de pesquisa, financiado pelo Procad/Capes, intitulado “Crítica Epistemológica: Análise de investigações em curso, com base em critérios epistemológicos, para desenvolvimentos reflexivos e praxiológicos na pesquisa em Comunicação”, que envolve os programas de pós-graduação em Comunicação da Unisinos e das universidades federais de Juiz de Fora e de Goiás. Aqui, estudaremos, em especial, os trabalhos apresentados pelo grupo de pesquisadores da Unisinos no primeiro seminário relativo ao projeto, em maio de 2009, por meio das hipóteses lançadas no subprojeto que desenvolvo, “Semiótica, como teoria da representação, o campo da Comunicação e Tecnologia Digital”.

Naquela ocasião, o grupo apresentou quatro trabalhos voltados para o tema da Epistemologia da Comunicação: “Sobre a Criação de Casos: o campo epistemológico da Comunicação em homologias com as Ciências Sociais”, de Jairo Getúlio Ferreira;

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XIX Encontro da Compós, na PUC, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

² Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCom/UFJF. paoliello@acessa.com.

“Disciplina ou Campo? O desafio da consolidação dos estudos em Comunicação”, de José Luiz Warren Jardim Gomes Braga; “Fenomenologia da Miatização”, de Pedro Gilberto Gomes e “Epistemologia do Ziguezague”, de Antônio Fausto Neto. Eles serão, portanto, analisados em vista de sua adequação, ou não, às seguintes hipóteses apresentadas pelo subprojeto citado acima: 1. Compreender a Comunicação sob o prisma da representação, com base na semiótica de Peirce, pode ser útil para uma melhor definição deste campo do saber; 2. O atual contexto de mudanças, estimuladas pela tecnologia eletrônica, é fator importante a ser considerado para uma melhor definição sobre o campo da Comunicação; 3. As principais tendências epistemológicas verificadas nos Programas de Pós-Graduação de Comunicação no País, em especial aqueles que participam desta proposta, são compatíveis com a compreensão da área sob o prisma da representação.

1. A Referência Semiótica

A primeira hipótese que lançamos, ou seja, a idéia de que compreender a Comunicação sob o prisma da representação, com base na semiótica de Peirce, pode ser útil para uma melhor definição deste campo do saber, obteve algumas confirmações, em especial no texto de Jairo Ferreira. Em “Sobre a Criação de Casos: o campo epistemológico da Comunicação em homologias com as Ciências Sociais”, ao lidar com a questão fundamental do trabalho, ou seja, o método, “como lugar de diferenciação e/ou identidade da área” (Ferreira, 2009, p.48), o pesquisador adota a compreensão peirceana do processo argumentativo com base em três proposições articuladas triadicamente, a saber, regras, casos e resultados.

Ao final da introdução ao artigo, Ferreira remete o leitor a um aprofundamento de tal fundamentação por meio de outro trabalho seu, apresentado no GT Epistemologia da Comunicação do Congresso da Compós 2009, “Notas de uma Auto-Análise a partir de um Olhar sobre o Método”, no qual as referências à obra de Peirce são fundamentais para a argumentação (Ferreira, 2009B). Na conclusão desse segundo artigo, o autor se mantém no mesmo campo de referências, buscando, conforme expresso no título, homologias com a esfera das Ciências Sociais. Portanto, no caso desse pesquisador, nossa primeira hipótese se confirma, ou seja, há um interesse na base peirceana para se compreender as questões do campo.

Outros dois pesquisadores do grupo da Unisinos, Braga e Gomes, não fazem qualquer referência à obra de Peirce, porém o artigo de Fausto Neto, “Epistemologia do Ziguezague”, aproxima-se dessa referência em seus pontos cruciais, mesmo que não o faça de forma explícita. Conforme veremos a seguir, a aproximação desse pesquisador com o pensamento peirceano segue tendência já apontada por nós em trabalhos apresentados no GT Epistemologia da Comunicação do Congresso da Compós nos anos de 2008 e 2009, isto é, de que textos recentes sobre a epistemologia da Comunicação vêm insistindo em temas intitulados como “incertos”, da esfera do “sensível”, “intuitivos”, “subjetivos”, marcados pela “diversidade”, “despercebidos” e “instáveis” (Pimenta, 2009A; Pimenta e Silveira, 2009B).

De fato, verificamos que pesquisadores de tendências diversas dentro da esfera da Comunicação têm se detido na análise de tais fenômenos, o que os aproxima do pensamento de Peirce, por meio da categoria da Primeiridade, o mesmo nos parecendo ocorrer com este trabalho de Fausto Neto. Em diversos momentos relevantes de sua argumentação, o autor levanta a hipótese de que os meios digitais trazem à reflexão novos objetos que remetem a aspectos como a “afetividade” e a “vagueza” e, daí, à exigência de uma postura epistemológica renovada, na Comunicação. Fausto Neto recorre a conceitos dessa mesma esfera em Lévi Strauss, para, ao final, propor a aplicação da idéia de uma “epistemologia do ziguezague”, baseado na obra de Bateson. Diz o autor:

“A pesquisa em tempos de mediatização deve abandonar os ‘ditames da maquinaria’ e preferir a vagueza e o ziguezague das próprias processualidades das operações enunciativas que ali se desenvolvem tendo como referência operações enunciativas que se fazem num tipo de matéria significante distinta daquela da ‘sociedade dos meios’. A mediatização, a exemplo de um objeto expõe-se através de uma espécie de imediatez qualitativa de onde podemos partir fazendo percursos, sentindo suas impressões para depois descrever suas regras de funcionamento.” (FAUSTO NETO, 2009, p.92).

A primeira hipótese de nosso subprojeto, portanto, de que a semiótica de Peirce pode ser considerada útil para compreender o campo da Comunicação, aplicada ao grupo de pesquisadores do projeto Procad da Unisinos teve uma confirmação de caráter relativo.

2. O Impacto do Digital

Nossa segunda hipótese, segundo a qual o atual contexto de mudanças, estimuladas pela tecnologia eletrônica, é fator importante a ser considerado para uma melhor definição sobre o campo da Comunicação, encontrou poucas relações com os textos analisados, ao

menos de forma explícita. Ferreira e Braga não tocam nesse ponto. Gomes aproxima-se um pouco, ao recorrer ao conceito de noosfera, o qual associa à virtualidade dos meios, e, em seguida, ao defender que os processos midiáticos “encontram-se potencializados com a emergência da tecnologia digital” (Gomes, 2009, p.98).

Tal aproximação encontra eco no trabalho de Fausto Neto, que, em diversos momentos trata do atual contexto sob a ótica do conceito de mediatização, bastante caro ao grupo, que até mesmo cunhou sua linha de pesquisa no programa de pós-graduação da Unisinos com o nome “Mediatização e Processos Sociais”, dentro da área de concentração “Processos Midiáticos”. Na ementa, afirmam sobre a linha:

“Pesquisa as interações sociais e os processos interpretativos relacionados às mídias que ativam uma circulação midiática caracterizada por determinações mútuas entre produção, recepção e crítica social. Entende mediatização como as incidências da mídia contemporânea sobre questões de sociedade que, por sua vez, dirigem à mídia expectativas e desafios. Elabora, a partir de tais questões, uma reflexão continuada sobre o próprio campo de conhecimento em Comunicação.” (PPGC, 2009).

Assim, em sua argumentação em defesa da “epistemologia do ziguezague”, Fausto Neto critica a fase na qual teria havido no campo da Comunicação uma “primazia dos enunciados”, de forma desarticulada em relação aos processos midiáticos e a seus suportes materiais e tecnológicos, decorrentes de novos contextos de produção. Apoiando-se em Barbero e Verón, o autor chama a atenção para a importância de se atentar para a materialidade dos meios, inseridos nesta “nova ambiência”, na qual operam dispositivos de “natureza sócio-técnica” (Fausto Neto, 2009, pp. 87-8).

Portanto, ao pensar o campo sem deixar de valorizar o contexto de mediatizações e sua base material, o pesquisador está, mesmo que de forma não explícita, corroborando nossa hipótese de que é importante levar em consideração os aspectos tecnológicos para uma melhor definição da esfera da Comunicação. Por outro lado, percebe-se, também nesse caso, que esta não é uma preocupação central do trabalho.

3. A Comunicação como representação

Também em relação à nossa terceira hipótese, segundo a qual as principais tendências epistemológicas verificadas nos Programas de Pós-Graduação de Comunicação no País, em especial aqueles que participam da parceria Unisinos, UFJF e UFG, são compatíveis com a compreensão da área sob o prisma da representação, houve poucas aproximações com os

trabalhos apresentados pelo grupo da Unisinos no simpósio em estudo. Ferreira não trata, propriamente, do assunto, embora utilize a semiótica de Peirce como referência teórica de seu trabalho. É possível que alguém utilize a semiótica e não a conceba como uma teoria da representação, ou, mesmo que isso ocorra, não defenda, tal como propomos, que isto é relevante para a constituição do campo da Comunicação.

No caso de Braga, o mais significativo é citar sua recusa “de mais uma teoria geral do campo” (Braga, 2009, pp. 62). Frente à ameaça de dispersão teórica que, segundo ele, qualquer teoria geral poderia causar, o autor propõe o enfrentamento da existência de diversas perspectivas por meio de “reflexões transversais”, o que não excluiria a possibilidade do campo se constituir em “disciplina”. Diz Braga:

“Note-se que, mesmo na posição da “comunicação como interdisciplinar”, recusadora da validade e do interesse na constituição de uma disciplina, se poderia desenvolver um programa de trabalho para uma consolidação – através de um esforço exposto e sistemático de pôr em contato os diferentes aportes interdisciplinares, de tensioná-los mutuamente, de gerar descobertas pela própria fricção entre suas diferenças. É possível, então, pensar em uma convergência, na consolidação, entre os que pensam “disciplina” e os que pensam “campo de estudos” (Braga, 2009, p.69).

A recusa de uma teoria geral, por parte de Braga, como saída para a configuração do campo implica na sua discordância em considerar, tal como propomos, que um acordo coletivo em torno da idéia de Comunicação como representação poderia ajudar a definir uma esfera comum que caracterizaria a área, uma vez que tal idéia é, de fato, uma teoria geral derivada da visão semiótica que adotamos.

Em relação ao trabalho de Gomes, há alguma aproximação dessa concepção, uma vez que o autor defende, na primeira parte do trabalho, que os conceitos de Comunicação e linguagem se confundem. Para o autor, a semiótica é fundamental “para compreender a própria natureza do ser humano, como ser de linguagem, como ser semiótico, como ser de relações. Logo, de comunicação, cujo objeto e essência devem ser buscados (Gomes, 2009, pp. 97). Entretanto, assim como se dá no trabalho de Ferreira, tal aproximação com a semiótica não conduz o autor à idéia de representação como conceito útil para a caracterização do campo.

Também no artigo de Fausto Neto há uma valorização do âmbito da linguagem no tratamento das questões epistemológicas da Comunicação, a partir da ênfase do autor em “novos modos de operações enunciativas”, cada vez mais complexas, em decorrência do contexto de midiaticização. Esse tom perpassa todo o trabalho, que faz um resgate histórico do

conceito de enunciação, desde a “sociedade dos meios”, passando pela “sociedade midiaticizada”, para, ao final, discuti-lo na esfera da “epistemologia do ziguezague”. Nesse ponto, o autor se apóia em Véron e no lingüista Antoine Culioli para defender o redesenho das relações de produção-circulação-recepção. A formulação de Culioli, diz Fausto Neto, vê a circulação como um novo lugar:

“Designa este lugar como “zonas de transformações” aquele que resulta do deslocamento e transformações para além das bordas de fronteiras, espécie de um trabalho que se faz em um conjunto flexível, reunindo três dimensões: representação, cognição e operação. Fala de uma tríade, comentando sobre o componente relativo ao trabalho da enunciação – as operações – como uma das partes deste dispositivo. Diz ele: “Não existe cognição sem representação, e não existe atividade simbólica sem operações” (Culioli, 1990:82).” (Fausto Neto, 2009, p.89-90).

Portanto, Fausto Neto destaca a idéia de representação como componente fundamental do trabalho de enunciação, por meio do qual compreende as transformações no contexto da midiaticização. É o mais perto, contudo, que chega de nossa terceira hipótese.

4. Apresentação dos Resultados

Antes de discutirmos os resultados, é preciso que consideremos, em primeiro lugar, a representatividade da amostra obtida, ou seja, em que medida os artigos apresentados pelo grupo da Unisinos no seminário de 2009, descrito na introdução, podem ser tomados como a expressão das relações entre as concepções epistemológicas desses pesquisadores e nossas hipóteses. Se, por um lado, trabalhamos aqui com apenas um artigo de cada um deles, por outro temos de considerar que esses textos foram produzidos especificamente para o diálogo com os demais pesquisadores dentro do âmbito do projeto, ou seja, buscavam expressar aquilo que os autores desejavam que seus interlocutores apreendessem como sendo a sua postura atual e principal frente aos temas que se propuseram a estudar na esfera da epistemologia da Comunicação. Portanto, ao menos em seu caráter qualitativo, a amostra nos parece ser representativa.

A partir daí, pudemos observar que nossas hipóteses não encontraram ressonância significativa em relação a este grupo, que constitui um dos três focos da subpesquisa que desenvolvo junto ao projeto. Os demais são o grupo do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Goiás, também nossos parceiros, e o grupo ao qual pertença, do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora, sobre o qual desenvolvi

trabalho que apresentei no congresso da Compós de 2009, no GT de Epistemologia, já dentro do escopo desse projeto conjunto, intitulado “Degenerescência e Revirão: convergência útil para o campo da comunicação?”, em parceria com Potiguara Mendes da Silveira Jr (Pimenta e Silveira, 2009B).

A aproximação mais significativa que obtivemos foi em relação ao artigo de Fausto Neto, que dialogou, de forma mais ou menos explícita, com as três hipóteses com as quais trabalhamos. O texto de Ferreira estabeleceu um diálogo apenas com a primeira delas, relativa à relevância da semiótica de Peirce, e o de Gomes fez somente uma ligeira referência à segunda hipótese, que trata da tecnologia digital, além de ter apresentado leve afinidade com a terceira. O trabalho de Braga não estabeleceu nenhuma relação importante com as hipóteses, ao contrário, caracterizou-se pela oposição, especialmente em relação à terceira, que trata do conceito de representação.

Esse resultado já havia sido por nós adiantado, de uma certa forma, no mesmo seminário ao qual nos referimos acima, no final do artigo que apresentamos, ao afirmarmos sobre nossas hipóteses:

“Contudo, por serem derivadas do Realismo, acreditamos que, muito provavelmente, o modo como abordamos tais hipóteses terá um diálogo bastante restrito na esfera dos demais Programas de Pós-Graduação da área no País, incluindo aqueles que participam desta proposta. Tal situação, entretanto, mesmo se confirmada, pode eventualmente proporcionar um estimulante debate epistemológico sobre a concepção do campo da Comunicação no Brasil, envolvendo as fundações teóricas das vertentes que vem sendo utilizadas e que, de resto, é algo que está dentro dos propósitos da parceria que motivou esse encontro.” (Pimenta, 2009C, p.126).

Portanto, dando prosseguimento a esse raciocínio, apresentaremos, a seguir, uma proposta de diálogo com os colegas da Unisinos, a partir de cada uma das três hipóteses por nós lançadas. Sobre a idéia de que a semiótica Peirceana seria relevante para se pensar o campo, de fato, não é surpreendente que não tenha encontrado muita ressonância. Passado mais de um século da difusão das idéias de Peirce, até hoje seu legado teórico é visto como algo obscuro, embora esteja baseado numa concepção já bastante difundida, que vem desde os gregos, de que nosso conhecimento se dá por meio de signos. A complexidade de tais processos é, geralmente, atribuída a esta teoria que, na verdade, busca esclarecê-la (PEIRCE, 1931-58 e 1998).

Ferreira demonstra ter compreendido a proposta de Peirce, porém a adota somente em parte, mesclando-a com referências da esfera das ciências sociais, o que dilui sua operatividade e reduz o escopo de seus possíveis desenvolvimentos. Fausto Neto, por sua

vez, trabalha com uma compreensão semiótica em todo o seu texto, porém sua visada não é peirceana, mesmo que se aproxime dela em sua argumentação em defesa da existência “de novos modos de operações enunciativas”. Conforme veremos adiante, Gomes parte de considerações de fundo sógnico, chegando a afirmar que a semiótica é fundamental para compreender a natureza do ser humano, como “ser de relações” (Gomes, 2009, p. 97). Porém, tais referências não incluem os trabalhos de Peirce e, ao final, seu texto aponta para uma saída fenomenológica. Naturalmente, Braga confere à semiótica seu devido valor, conforme demonstra em outros trabalhos, porém não a utiliza nesse texto como base para a compreensão do campo, tampouco a vertente peirceana.

Embora seja compreensível, o fato da semiótica de Peirce não ser considerada pelos pesquisadores da Unisinos como base importante para a concepção do campo é algo que talvez merecesse ser reavaliado. Conforme já foi argumentado por diversos autores, inclusive nós mesmos, em variados artigos, a semiótica de extração linguística já não parece ser adequada para servir de fundamentação para análises dos atuais processos de comunicação, caracteristicamente multicódigos (Pimenta, 2008). Se a aceitação da semiótica como base teórica relevante já é, hoje, maior, como podemos verificar pela avaliação dos artigos acima, por outro lado, essa argumentação a favor da vertente peirceana ainda não parece ter gerado efeitos significativos.

Em relação ao grau de relevância, concedida pelo grupo da Unisinos, ao ambiente digital na compreensão do campo, somente dois, dos quatro pesquisadores, o destacam em seus artigos. Tal postura não deixa de ser surpreendente, na medida em que a linha de pesquisa do programa de pós-graduação à qual pertencem tem como nome Mídia e Processos Sociais, mídia sendo compreendida como “as incidências da mídia contemporânea sobre questões de sociedade”.

Porém, como ocorre com diversos outros autores, de fato, as questões envolvendo as materialidades, propriamente ditas, dos processos comunicacionais muitas vezes são relegadas a um segundo plano. As características existenciais dos suportes, no caso digitais, derivadas da tecnologia eletrônica, não são vistas por muitos como de alta relevância para as análises sobre o campo, embora possam ser consideradas por outros como definidoras de muitos dos efeitos que vêm sendo observados, como, por exemplo, a configuração em rede, a perda de hegemonia do verbal e a crescente ampliação de sistemas de cognição coletiva.

Conforme vimos acima, Gomes inicia sua argumentação falando do surgimento de um novo ambiente ligado à “tecno-interação”, que potencializa os novos processos de linguagem, porém não vai além disso. Ferreira e Braga não tratam do tema da comunicação digital. Fausto Neto, contudo, em dois momentos destaca a importância dos suportes materiais e tecnológicos, ou dispositivos de “natureza sócio-técnica”, decorrentes de uma nova “ambiência” de produção, com base em Barbero e Verón (Fausto Neto, 2009, pp. 87-8). Além disso, o pesquisador articula tal contexto ao problema de definição epistemológica do campo. Este fato é coerente com a valorização que Fausto Neto dá à abordagem semiótica, conforme vimos acima, uma vez que mesmo as tendências que não se apóiam em Peirce vêm chamando a atenção, nas últimas décadas, para o contexto material no qual se dão os processos comunicacionais, a partir do desenvolvimento da pragmática e da sociolinguística. No caso da semiótica peirceana, diga-se de passagem, a valorização dessa esfera é óbvia, estando ligada à categoria da secundidade. Este seria, portanto, um outro ponto de diálogo proposto com o grupo da Unisinos.

Finalmente, temos a hipótese de que a concepção da área sob o prisma da representação seria compatível com a compreensão epistemológica que se tem hoje sobre o campo no País e, portanto, com a dos parceiros da Unisinos. Conforme já defendemos em outras oportunidades, considerar que os processos comunicacionais envolvem, necessariamente, o problema da representação poderia ser algo útil para uma melhor definição do campo, seja quando o pesquisador se dedica a um objeto da esfera empírica dos meios, seja na situação em que se trata de refletir sobre a própria teoria daí construída, isto é, o âmbito da própria epistemologia (Pimenta, 2007B).

Contudo, nos artigos que estamos considerando, tal postura somente aparece em Gomes, de forma bastante vaga, e de forma um pouco mais explícita em Fausto Neto. Ao valorizar o âmbito da linguagem, este último defende a idéia de representação como componente fundamental do trabalho de “enunciação”, por meio do qual compreende as transformações no contexto da midiatização. Porém, não há, propriamente, uma aproximação com o que propomos na hipótese.

Nesse caso, a oferta de diálogo que lançamos ao grupo da Unisinos é a de que, talvez, a concepção do campo como representação possa colaborar para que se obtenha uma visão mais crítica e inovadora da forma como ele é concebido atualmente, provavelmente ainda muito relacionada ao contexto pré-digital. A partir daí, seria possível, ainda, uma concepção,

ou representação, ampliada da área que incorporasse tanto o caráter de indeterminação que a vem caracterizando como sua nova configuração midiática e social. Esse esforço talvez possa ser ainda mais produtivo caso se compreenda que conceber o campo como representação implica em considerá-lo produto de uma mente coletiva, portanto com uma capacidade expandida de auto-correção, o que pode conduzir a comunidade de pesquisadores a um pensamento mais rico e articulado com o contexto em mudança.

Referências

- BRAGA, José Luiz. (2009) **Disciplina ou Campo? O desafio da consolidação dos estudos em Comunicação**. In: Anais do I Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos. v.cd. p.s/n.
- FAUSTO NETO, Antônio. (2009) **Epistemologia do Ziguezague**. In: Anais do I Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos. v.cd. p.s/n.
- FERREIRA, Jairo Getúlio. (2009B) **Sobre a Criação de Casos: o campo epistemológico da Comunicação em homologias com as Ciências Sociais**. In: Anais do I Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos. v.cd. p.s/n.
- _____ (2009) **Notas de uma Auto-Análise a partir de um Olhar sobre o Método**. In: Anais do XVIII Compós. Belo Horizonte, v.cd. p.s/n.
- GOMES, Pedro Gilberto. (2009) **Fenomenologia da Mídia**. In: Anais do I Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos. v.cd. p.s/n.
- PIMENTA, F. J. P. (2007A) **Pragmatismo: referência epistemológica para ciberativistas ?** In: FERREIRA, Jairo (Org.) Cenários, Teorias e Epistemologias da Comunicação. Rio, E-Papers.
- _____ (2007B) **Semiótica, como teoria da representação, e o campo da Comunicação**. In: COUTINHO, Iluska e Silveira Jr. Potiguara (Orgs.) Comunicação: tecnologia e identidade. Rio, Mauad X.
- _____ (2008) **O Canto do Cisne Estruturalista**. Lumina digital vol II, no. 2.
- _____ (2009A) **Indeterminação; o “admirável”; a crescente comunicabilidade**. In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, no. 38, abril, pp. 37-43.
- _____ e Potiguara Mendes da Silveira Jr. (2009B) **Degenerescência e Revirão: convergência útil para o campo da Comunicação ?** In: Anais do XVIII Compós. Belo Horizonte, v.cd. p.s/n.
- _____ (2009C) **Semiótica e Plataformas Interativas Multicódigos**. In: Anais do I Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos. v.cd. p.s/n.
- PEIRCE, Charles Sanders (1931 - 1958). **Collected Papers**. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press.
- _____ (1998) **The Essential Peirce**. 2 vols. Indiana: Peirce Edition Project.
- PPGC. Disponível em < <http://www.unisinos.br/ppg/comunicacao/>>. Último acesso em 25/12/2009.